

A SEMIOSE DA IMAGEM: ANÁLISE DE CAPAS DE LIVROS

RESUMO - A Ciência da Informação vive um momento de transição de paradigmas, marcada por rupturas e descontinuidades, bem como indagações acerca de seu "fazer científico". Diante da dificuldade de se apontar caminhos, já que estamos em um momento de transição, propõe-se a discussão do caráter identitário da área a partir da análise de capas de livros da Ciência da Informação. O objeto de estudo foi escolhido por congregar aspectos comunicacionais, no que diz respeito à sua representação visual, e a aspectos informacionais, referentes ao conteúdo. A metodologia de análise foi observar os aspectos icônicos, indiciais e simbólicos das imagens, tendo como base o aporte teórico da semiótica de Peirce, inter-relacionando paralelamente tal análise com o referencial teórico da área.

Jéssica Camara Siqueira
Universidade de São Paulo – USP
Mestranda em Ciência da
informação (ECA-USP)
Especialização em Arquivos (IEB-
USP)
Graduação em Biblioteconomia
(ECA_USP)
Graduação em Letras (UNIMAR)
jessica.camara@yahoo.com.br

Palavras-chave: Capas de livros; Ciência da Informação; Semiótica

SEMIOSIS IMAGE: AN ANALYSIS OF BOOK COVERS

ABSTRACT – Information Science is experiencing a transition paradigm, marked by ruptures and discontinuities, as well as questions about his "scientific work". Given the difficulty of pointing paths, since we are in a time of transition, we propose the discussion identity of the character of the area from the analysis of book covers Information Science. The object of study was chosen for gathering communicational aspects, with regard to its visual representation, and informational aspects, related to the content. The methodology was to observe aspects iconic, indexical and symbolic images, based on the theoretical basis of Peirce's semiotics, interrelating such analysis in parallel with the theoretical area.

Key-words: Book covers; Information Science; Semiotic

1. INTRODUÇÃO

A todo instante somos abordados por informações formadas por cognições logicamente derivadas de induções ou hipóteses, as quais podem ser verdadeiras ou não. Nesse sentido, aquilo que consideramos “real” é uma concepção que se desvela por meio da “descoberta do erro”. Por esse viés, o que aparece como incognoscível não tem existência, uma vez que a realidade sem representação não possui relação nem qualidade para se constituir (SANTAELLA, 2002).

Segundo Valente e Brosso (1999, p.169), “o conteúdo da consciência, o todo dos fenômenos do espírito, é um signo-resultante de inferência”. Portanto, o significado de uma palavra é uma concepção associada, que só nos remete a um significado à medida que podemos utilizá-la para comunicar o que apreendemos, compreendendo o que as pessoas querem nos comunicar. O “significado de uma palavra é a soma de todas as predicções condicionais de que a pessoa que a usa pretende tornar-se responsável ou pretende negar” (VALENTE; BROSSO, 1999, p.170).

Essa presença sígnica não é algo exclusivo do mundo industrial e urbano, pois, se revisitarmos os primórdios da civilização, descobriremos um universo de signos indiciais – nuvens (tempo), movimento do sol (horário), flores (direção dos ventos) – que deixam de ter o *status* de meros fenômenos naturais, para adquirirem significado a partir da interpretação e atribuição de sentidos humanos. Num processo gradativo de abstrações, o homem utiliza o objeto-símbolo e a memória para guardar informações: a exemplo de uma pedra no túmulo de um companheiro ou representações gráficas através de desenhos nas paredes das cavernas (SANTAELLA, 2002).

Uma das primeiras doutrinas anunciadas para o estudo dos signos teve origem na Antiguidade, com Platão (427-347) e Aristóteles (384-322). Postumamente denominada como “semiótica implícita”, considerava o signo como algo que se refere à outra coisa, responsável por suscitar, à nossa mente, determinada ideia de algo. Mesmo discutindo-se o papel do signo em outros contextos nos séculos seguintes, foi apenas no século XX que a semiótica se constituiu como ciência, desenvolvendo-se em diversas correntes e estendendo-se a outros campos (SANTAELLA, 2001).

Nöth (1996), em sua obra “Semiótica no século XX”, apresenta a área por meio de nove correntes principais, excetuando-se a de Peirce, para a qual dedicou uma obra específica. De início, é retomado o trabalho de Ferdinand de Saussure, contemporâneo de Peirce, mas que se enveredou para as Ciências da Linguagem, estabelecendo uma teoria geral da linguagem e dos sistemas sógnicos, aproximando a Semiologia e a Linguística. Seus trabalhos serviram de base para outras correntes que se desenvolveram, depois dos anos 60, que partem do arcabouço teórico estruturalista, a exemplo dos formalistas russos, o Círculo de Praga e funcionalistas. Além disso, também servem como contraponto para as linhas mais contemporâneas, a exemplo da semiótica narrativa de Greimas ou a semiótica do mito de Barthes (NÖTH, 1996).

Além da corrente estruturalista, há o projeto behaviorista de Charles Morris, e os estudos de Peirce. Diferente de Morris, que teve seus estudos muito limitados a determinados contextos, a semiótica peirceana, por seu caráter mais empírico e abstrato, disseminou-se em diversas áreas do conhecimento corroborando a atuação das ciências sociais aplicadas (NÖTH, 1996).

Sobre a semiótica peirceana, Santaella (2002) ressalta que não é uma ciência especializada, cujo objeto de estudo é delimitado, mas que as teorias podem ser extraídas de forma empírica e utilizadas em pesquisas aplicadas, em razão do caráter extremamente geral e abstrato; constitui-se como membro da tríade das ciências normativas (estética, ética, lógica ou semiótica), antecedidas pela quase-ciência fenomenológica e seguida pela metafísica. Assim, concebida como uma lógica num sentido mais amplo, a semiótica se apresenta basicamente em três ramos: o da gramática especulativa, responsável por uma classificação geral dos signos; a lógica crítica, que tem como base a diversidade sógnica, estudando os tipos de inferências e raciocínios (abdução, dedução e indução), e a retórica especulativa, que tem a função de analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio origina.

Na Semiótica de Peirce, o elemento-chave é o signo, de caráter cognoscível, é determinado por algo diverso dele (objeto), contudo ele próprio determina uma mente

potencial (interpretante), que, por sua vez, se acha determinada pelo objeto. Logo, o objeto determina o signo, embora seja criado pelo signo (PEIRCE, 1987).

Dessa forma, podemos entender que o signo cria algo na mente do interpretante, que, de maneira relativa e mediata, também foi criado pelo objeto do signo, mesmo considerando-o diverso do signo. Assim, para um signo ser entendido é necessária a familiaridade colateral entre o intérprete e o objeto do signo. Deste modo, quando um signo representa o seu objeto, implica dizer que ele afeta a mente a ponto de determinar algo que é mediatemente relacionado ao objeto, o que nos faz concluir que as ações sígnicas só se concretizam no instante em que os signos determinam seus interpretantes (SANTAELLA, 2002).

Na tentativa de entender tais relações, tomemos um das definições de signo incessantemente elaboradas por Peirce:

Defino um signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um objeto e de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o interpretante do signo, é, desse modo, mediatemente determinada por aquele objeto. Um signo assim tem relação triádica com seu objeto e com seu interpretante (PEIRCE, 1987, p.7)

A partir da definição de Peirce, verificamos que o signo determina o interpretante, mas este o determina como uma “determinação” do objeto. Já o interpretante é determinado pelo objeto, na medida em que o interpretante é determinado pelo signo, que por sua vez somente representa algo, nunca podendo ser confundido com o objeto em si. Tal relação triádica também deu origem a outras importantes tríades peircianas: as que consideram o signo em si mesmo (quali-signo, sin-signo e legi-signo), a relação do signo com o objeto dinâmico (ícone , índice e símbolo) e a relação do signo com o interpretante (rema, dicente e argumento) (PEIRCE, 1987).

Tal tríade ainda se subdivide em outras categorias de primeiridade, secundidade e terceridade. Quanto à primeira, os signos são tomados em si mesmos e podem ser qualidades, fatos ou ter a natureza de leis ou hábitos. Na segunda, os signos podem estar conectados com os seus objetos em virtude de uma similaridade, uma conexão de fato

(não-cognitiva) ou por hábitos. E a última corresponde aos interpretantes, que podem ser representados pelos seus objetos como qualidades apresentadas como hipóteses ou rema; fatos, apresentados como dicentes e leis apresentadas como argumentos. E a partir dessas modalidades, Peirce estabeleceu relações combinatórias entre elas, gerando outras variações das tricotomias (SANTAELLA, 2000).

A lógica triádica, segundo Santaella (2002), inclui três teorias: a da significação, da objetivação e da interpretação. A primeira diz respeito à relação do signo consigo mesmo, ou seja, sua natureza e fundamento para funcionar como tal. A segunda explora a relação do fundamento com o objeto, e a última, do fundamento com o interpretante. Por esse viés, a autora resgata a fenomenologia como base teórica semiótica, lembrando que, assim como há signos genuínos (terceiridade), há os quase-signos (secundidade e primeiridade), ampliando assim a noção do signo peirciano para algo que pode transcender a natureza plena da linguagem e ser simplesmente uma mera ação, reação ou até emoção (SANTAELLA, 2000).

O que parece importante ressaltar sobre o signo é que, por estar impregnado de vida, permanece em contínuo desenvolvimento, o que acarreta enxergá-lo em um contínuo processo de semiose, ou seja, parece sempre amalgamado a outros signos, não sendo possível visualizá-lo de forma estática e pura, pois está sempre envolvido em uma ação. Já o objeto, é aquilo que o signo expressa, constituindo-se de maneira imperfeita. Na verdade, o signo não representa integralmente o objeto, pois ele seleciona alguns aspectos para a sua representação, denominada por Peirce como *ground*¹. O interpretante, um dos diferenciais da semiótica peirciana, indica a sucessão e evolução do signo, num movimento informacional e de significação da semiose (SANTAELLA, 2002).

Assim, segundo Peirce (1987), para que um processo interpretativo de um signo ocorra, é necessário considerar os três níveis do interpretante: o imediato, o dinâmico e o final. O primeiro é similar ao objeto imediato, referindo-se ao caráter interno do signo, ainda num nível mais abstrato, que não encontrou um intérprete para se efetivar. No nível

¹*Ground* é uma ideia que está na mente de alguém e que pode ser transmitida a outra pessoa, logo é uma forma que permite a comparação entre o conteúdo da mente (predicados) e os estímulos produzidos pelo objeto (sujeito). (Romanini, 2006, p.101)

seguinte, o signo produz um intérprete, devendo-se considerar sua perspectiva singular de interpretação, que leva em conta a primeiridade, secundidade e terceiridade, subdivididas nos níveis do interpretante emocional (ícones), os correspondentes da ação física ou mental (índices) e os de natureza lógica que utilizam regras internalizadas pelo intérprete (símbolos). E o interpretante final, que se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria fadado a chegar, caso os interpretantes dinâmicos fossem considerados até seu limite (ROMANINI, 2006).

A imagem no estudo semiótico

Houve inúmeras definições de imagens ao longo do tempo. Segundo Zunzunegui (1995), na época de Platão, associavam-se as imagens como sombras ou fantasmas, tendo como base a ideia de representação e reflexo especular. É só a partir do século XX que se pode falar de imagem relacionada a um suporte da comunicação visual, que se materializa em um fragmento do universo perceptivo, e que possui o caráter de prolongar sua existência no decorrer do tempo, sendo, portanto, uma definição ligada à ideia de materialidade e independente, em relação aos temas e objetos representados.

Segundo Émile Benveniste (1995), as imagens são um sistema semiótico em que falta uma metassemiótica, ou seja, enquanto a língua pode servir tanto a si mesma como a um meio de comunicação, por seu caráter metalinguístico, a imagem não serve como um meio em si mesma. Nesse viés, o discurso verbal torna-se necessário para o desenvolvimento de uma teoria da imagem, porém, para Peirce (1987), é o código verbal que não se desenvolve sem imagens, ou como ele determina, iconicidade.

De forma genérica, podemos dividir o universo das imagens em dois domínios: o primeiro corresponde às imagens como representações visuais, ou seja, objetos materiais que representam nosso ambiente visual (desenho, pintura, gravura, fotografia). Já o segundo diz respeito ao domínio imaterial, no qual as imagens aparecem como visões, fantasias, modelos, ou seja, representações mentais. Ambos os domínios não aparecem de forma separada, já que estão intimamente interligados, tendo como conceitos

unificadores o signo e a representação. Além disso, há duas ciências vizinhas que estudam as representações visuais e mentais, a semiótica e as ciências cognitivas (SANTALELLA, 2000).

No âmbito deste trabalho, trataremos as imagens sob a perspectiva semiótica. Para isso é importante definirmos o conceito de representação. Enquanto no mundo cognitivo a representação é um processo em que se imbricam os mecanismos visuais e mentais, na Semiótica o substantivo abstrato “representação” caracteriza uma função sígnica, visto que em seu âmbito conceitual se estende até a relação de objeto ou até a função referencial sígnica (TOUTAIN, 2007).

Em sua primeira fase, Peirce caracteriza a Semiótica como “a teoria geral das representações”, usando ora o termo “signo” ora “representação”. Já em sua fase mais tardia, caracteriza representação como um processo de apresentação de um objeto a um intérprete de um signo, ou simplesmente a relação entre o signo e o objeto, introduzindo um terceiro termo, o *representamen* (SANTAELLA, 2001). Para ele, o *representamen* seria usado quando se quer diferenciar aquilo que se representa (*representamen*) do ato ou a relação de se representar (representação).

Diante disso, segundo Santaella (2001), o signo funciona como um mediador entre o objeto e o efeito que está apto a produzir na mente, uma vez que, de alguma forma, ele representa o objeto. Porém o signo só pode representá-lo, porque o objeto determina o signo. Todavia, embora o signo seja determinado pelo objeto, este último só é acessível pela mediação do sujeito, sendo, portanto, uma das razões pelas quais não se pode dispensar a representação. Genericamente, Peirce define o signo como: “qualquer coisa que determina alguma outra (seu interpretante) para referir-se a um objeto ao qual o mesmo se refere (seu objeto); desta maneira o interpretante se converte por sua vez em um signo *ad infinitum*” (PEIRCE, 1987).

Ele identifica três classes de signo: o ícone, o índice e o símbolo. Os ícones são quali-signos que se reportam aos seus objetos por similaridade, sendo que só podem sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a outra qualidade. Os índices, diferentemente dos ícones, fundamentam-se a partir de uma existência

concreta, ou seja, seu objeto imediato é a maneira como o índice é capaz de indicar algo existente, o objeto dinâmico que mantém uma conexão existencial. Já os símbolos têm uma ação mais complexa, pois se fundamentam a partir do legi-signo, ou seja, leis que operam condicionalmente, estabelecendo convenções (SANTAELLA, 2002).

Com tais bases teóricas em mente, propõe-se analisar capas de livros da área da Ciência da Informação, tendo como base os estudos semióticos de Peirce (1987) e os trabalhos sobre a teoria da imagem de Santaella (2001), a fim de compreender como tais imbricações podem contribuir para a compreensão do caráter identitário da Ciência da Informação.

Análise das capas de livros – metodologia

Para a análise semiótica das capas de livros, foram selecionadas três obras referenciais da área, escolhidas pelos seguintes critérios: temporal – publicações dos últimos dez anos -; temática comum, os três são livros teóricos da área; e a diferença de representação imagética, ou seja, buscou-se capas que retratassem perspectivas distintas da área.

O percurso para a análise segue os preceitos peirceanos: inicia-se pelo olhar fenomenológico, que perscruta nossa capacidade contemplativa correspondente à percepção dos fenômenos ao nosso redor (quali-signo); é seguido pelo olhar observacional, que distingue as partes do todo, e identifica de modo singular aquilo que o signo corporifica (sin-signo); e por último considera uma perspectiva mais abstrata do fenômeno observado, procurando generalizá-lo e localizá-lo em uma classe geral (legi-signo) (PEIRCE, 1987).

Análise da capa do livro “Ciência da Informação”

A primeira capa analisada é da obra de Yves-François Le Coadic, *Ciência da Informação*, datada de 2004. Em linhas gerais a obra trata sobre os paradigmas e princípios da Ciência da Informação, ressaltando seu caráter recente e interdisciplinar.

Figura 1- Capa do livro Ciência da Informação



Fonte: (LE COADIC, 2004)

Ao observar a imagem, o primeiro aspecto que se ressalta é o qualitativo, evidenciado pela cor azul. Assim como ao contemplar uma obra de arte, a capa estimula um efeito estético, marcado pelas nuances da cor azul, não corporificando nenhum objeto, ou seja, deixando em aberto nossas cadeias associativas de semelhança com quaisquer formas existentes, o que define o caráter da iconicidade.

Peirce (1987) divide os signos icônicos em três níveis: a imagem, que estabelece uma relação de semelhança com seu objeto puramente no nível da aparência; o diagrama, que representa seu objeto por similaridade entre as relações internas exibidas pelo signo e aquelas internas do objeto; e a metáfora, que aproxima duas coisas distintas (representante e representado), produzindo um “rastro” de identidade.

No caso da obra de Le Coadic (2004), se considerarmos o contexto conjuntural do período de feitura e publicação da obra, em que o estudo da área da Ciência da Informação estava ainda impreciso, tanto pelo caráter interdisciplinar – o que dificulta uma sistematização do campo – como pelo contexto pós-moderno, o que também dificulta a delimitação de fronteiras, podemos afirmar que prevalece o nível icônico da metáfora. Assim, a ausência de uma forma para a apreensão da cor azul, que também tem um caráter signico representativo, sugere uma aproximação com o caráter impreciso, ambíguo e multifacetado do campo da Ciência da Informação, o que determina uma metáfora.

Sobre a recepção cromática do azul, Guimarães (2000) explica que, quando a informação cromática é transmitida, ainda não constitui um signo. Para isso ela deverá ser recebida pela nossa visão, atualizada pela percepção, e por fim interpretada por sua materialidade, a partir de códigos construídos por estruturas pré-existentes em nosso cérebro, resultado de nosso conhecimento de mundo e dos sistemas informacionais transmitidos hereditariamente.

Segundo Guimarães (2000), a cor azul está compreendida nas faixas de 440m μ a 480m μ de ondas, de caráter primário e frio, geralmente é utilizada em tratamentos para alívio de tensão ou traumas, por estimular a baixa pressão arterial. Fisicamente, ainda possui uma capacidade concêntrica de atrair a visão para seu centro, mesmo que também permita uma visão de maior distanciamento, evocando o imaterial. Está associada em muitas culturas às celebrações místicas e metafísicas, funcionando assim como um símbolo de sabedoria. Há culturas nas quais também é associada à tristeza ou obscuridade, por conotar o imaginário e o inacessível.

No caso da capa escolhida, temos dois tons de azul, um mais claro e outro mais escuro, os quais remetem a momentos mais constitutivos e outros mais imprecisos da área da Ciência da Informação. Ao mesmo tempo, a escolha pelo azul marca a tentativa de enxergar, com maior profundidade, o campo, que, assim como foi falado anteriormente, ainda está delineando sua forma como ciência social aplicada.

Além do quali-signo evidenciado pela cor azul, temos alguns desenhos de linhas diagonais e concêntricas que nos remetem à imagem de uma digital humana, o que poderíamos denominar como um índice. Diferente do primeiro caso, em que associamos certa similaridade entre a disformidade e as nuances do azul com o contexto da Ciência da Informação, evidenciando a iconicidade; no caso das digitais, há uma representação de algo de existência concreta, logo, o índice é capaz de indicar o objeto com o qual possui conexão existencial.

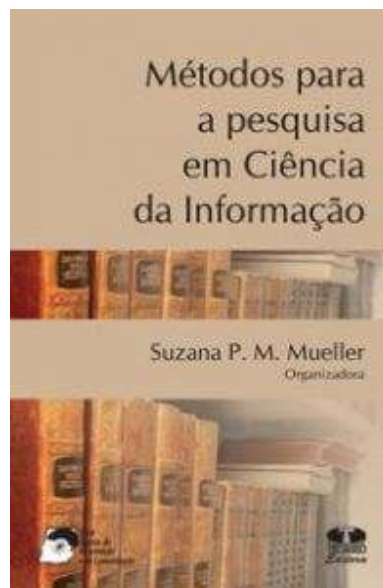
É importante ressaltar que tal interpretação sógnica deve considerar o papel dos receptores, já que a mensagem em si nada significa até que alguém a interprete. Dessa forma, a interpretação da mensagem pode levar em conta três níveis: os efeitos

interpretativos puramente emocionais, geralmente desenvolvidos por receptores que podem olhar a capa sem ter nenhum conhecimento da área ou pretensão de fazer uma análise mais detalhada de seu escopo, apenas motivados por uma sensação estética; os efeitos reativos, que partem de uma ação, geralmente desenvolvidos por receptores que se dispõem a buscar determinada obra ou assunto, procurando estabelecer conexões diretas com seu conhecimento de mundo; e a interpretação lógica, que exige um receptor aberto e apto a representar ideias e a compreender convenções da área.

Análise da capa do livro *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*

A segunda capa analisada é do livro de Suzana Mueller, *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*, de 2007. Assim como o primeiro, também tem natureza teórica, só que voltada à discussão de metodologias para o estudo da Ciência da informação. Abaixo temos a imagem da capa:

Figura 2 - Capa do livro *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*



Fonte: (MUELLER, 2007)

Considerando o aspecto qualitativo, estimulado num primeiro olhar, notamos a imagem de um conjunto de livros organizados em fileiras, que se sobressai de um fundo

neutro – imagem que nos sugere a ideia de “conhecimento” e “cultura”. Mesmo que o conceito de conhecimento atualmente tenha outros referenciais, principalmente por conta do surgimento e difusão de outras mídias e tecnologias, o objeto “livro” no suporte papel, ainda é sinônimo de conhecimento e cultura.

É claro que vale ressaltar que a escolha para tal representação para a capa do livro demonstra uma associação direta a um paradigma mais formal e tradicional de pesquisa, que prioriza a consulta em materiais bibliográficos no suporte de papel. Assim, mesmo falando de Ciência da Informação, que teoricamente está inserida num contexto pós-moderno, pleno de manifestações midiáticas e tecnológicas em diversos suportes, escolhe-se apenas como representativo o livro para ser referente direto da ideia de pesquisa na área de Ciência da Informação.

No segundo nível de análise, por ser uma fotografia, observamos a evidência do caráter indicial, visto que a imagem capturada na foto corresponde a livros que têm uma existência concreta. Mesmo que o sin-signo se destaque nessa representação, o fato de ser uma fotografia também traz latente a presença do ícone, pois ao associarmos livros à ideia de conhecimento, estamos estabelecendo o caráter de similaridade, o que determina a natureza do quali-signo.

Analisando os aspectos qualitativos da imagem, notamos que, de forma geral, predomina o tom pastel, de caráter neutro, tanto do fundo, que tem a função de dar maior visibilidade à foto e aos créditos de autoria e título escritos em negrito, como a própria imagem que aparece em tons de amarelo e marrom, próximos da tonalidade do fundo. O efeito esfumado, que dá maior nitidez aos livros da frente e gradativamente vai deixando menos nítido os livros mais distantes do campo de visão, favorece a percepção de ampliação da imagem, como se a prateleira de livros fosse infinita, “impossível de se alcançar com a visão”.

Outro aspecto revelador é a questão da uniformidade cromática na organização dos livros, o que nos remete à ideia de padrão, como se a organização do conhecimento pudesse ser, assim como os livros, “um acúmulo de saber”. A própria escolha por uma coleção de livros, com a lombada similar, o que parece ser uma coleção de enciclopédias,

reforça a ideia de uniformidade e também de conhecimento, que pode ser “delimitado em verbetes”.

Ao fazermos tais considerações, numa tentativa de generalização da leitura da imagem, estamos na esfera do legi-signo, que tenta abstrair o geral do particular. As ideias de uniformidade, controle e padrão reforçam o paradigma positivista, marcado por uma tradição de pesquisa lógico-racional e delimitadora, diferente do momento histórico-social que vivemos hoje, pleno de incertezas, ambiguidades e fragmentações. Assim, notamos que a escolha do livro para representar o conhecimento revela uma tentativa de se apegar à maior estabilidade do paradigma positivista, em detrimento ao “caos” do paradigma pós-moderno, demonstrando viés mais tradicionalista da pesquisa em Ciência da Informação.

Análise da capa do livro *Ciência da Informação – abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*

A terceira obra analisada é um conjunto de artigos organizados por Virgínia Bentes Pinto, Lídia Cavalcanti e Casemiro Silva Neto, *Ciência da Informação -abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*, publicada em 2007. O assunto geral também é a abordagem teórico-metodológica da Ciência da Informação, só que com ênfase no viés interdisciplinar dessa ciência social aplicada. Abaixo temos a imagem da capa:

Figura 3 - Capa do livro Ciência da Informação - abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações



Fonte: (PINTO; CAVALCANTI ; SILVA NETO, 2007)

Publicado no mesmo ano que a obra de Suzana Mueller, notamos que diferentemente da anterior, esta traz outros referenciais. O fato de trazer três ícones: a Terra, um satélite e uma página da web, já colocam a obra numa esfera mais próxima dos valores pós-modernos. A imagem da Terra por representar o mundo, que cada vez mais está desterritorializado; o satélite, por representar a comunicação e a interconexão mundial; e a página da web, signo de comunicação e tecnologia.

Além dessas associações que fazemos, ao nos depararmos com a capa, podemos analisar mais pormenorizadamente os aspectos do quali-signo. A cor, por exemplo, se subdivide em três partes: na parte superior com o azul, destacando, como já foi comentado, a ideia de “conhecimento” e “intelectualidade”, também funcionando subliminarmente para reforçar os nomes dos autores, que “coincidentalmente” estão na parte superior. No centro, há várias cores, com destaque novamente para os tons de azul e os contrastantes preto e branco, que, em nossa cultura, representam iniciação,

transformação e pureza (branco) e prudência, sabedoria e luto (preto), dicotomia que também pode ser associada ao momento ambíguo e de transição de paradigmas. E na parte inferior, como se representasse a base ou o passado, temos o tom pastel, que deixa se sobressair o título em vermelho, que, como maior saturação de onda, torna-se um limite visual, que representa energia e força, caracteres que procuram dar maior valorização à área da Ciência da Informação.

Quanto ao aspecto do sin-signo, além da fotografia no centro remetendo a elementos de existência concreta – planeta Terra, satélite e página da web –, temos ainda, ocupando toda a página, uma marca d'água numa fonte medieval, como se fosse uma página de um livro ainda transcrito pelos religiosos da Idade Média. Tal referência indicial preenche toda a capa, mas ao fundo, remete-nos ao livro e a todo o arcabouço de conhecimento que ele representou durante séculos para humanidade. Mesmo com as novas tecnologias e formas de apreensão do conhecimento, a presença do livro não é esquecida, só que diferentemente da representação que observamos na capa de *Métodos de pesquisa em Ciência da Informação*, esta destaca o suporte livro, evidenciando o seu conteúdo, que pode estar num precioso exemplar de biblioteca ou reproduzido digitalmente na web.

Outro fator que chama atenção na montagem fotográfica, além da junção do planeta Terra com o satélite, referenciando comunicação e tecnologia, é a imagem de uma página da web, que parece estar delimitada por um formato circular e esfumado, ampliada em relação às imagens ao seu redor, o que nos remete ao recurso de uma lupa. A página da web, cujo nível de existência é menos concreto que a massa do planeta Terra, ou o peso do satélite, questiona os limites lógico-rationais, e instaura um redimensionamento de visão, ampliando as fronteiras da web.

De forma geral, numa perspectiva simbólica, a capa faz uma referência dicotômica temporal ao passado (marca d'água do livro medieval e lupa) e do presente (satélite e página da web), que, juntos, acabam se interpenetrando e compondo a imagem da capa. Num nível mais abstrato, poderíamos também dizer que representam a ideia de

fragmentação e rompimento de fronteiras, caracteres do paradigma pós-moderno que se sobressaem nesta capa de livro.

Considerações Finais

Ao analisarmos as três capas de livros da área da Ciência da Informação, considerando principalmente os aspectos do quali-signo, sin-signo e legi-signo, podemos tecer alguns comentários. Na primeira obra, publicada em 2004, predomina o aspecto icônico, já que pelo caráter mais abstrato da imagem, apela-se para a sugestão e sensibilidade do receptor. A segunda e a terceira obra são datadas de 2007, mas incorporam diferentes nuances, sendo que, na segunda, se destaca mais o aspecto indicial, mais próximo do paradigma da positividade, enquanto a terceira obra também evidencia o aspecto icônico, ressaltando a ambiguidade do paradigma da pós-modernidade.

Mesmo observando que as duas obras – a capa de Le Coadic e a de Bentes – evidenciam a perspectiva pós-moderna, notamos que cada uma escolhe um viés. Enquanto a primeira representa mais diretamente as incertezas do campo e a busca por uma identidade, representados pela mancha azul sobreposta às marcas de digitais; na outra, a montagem fotográfica associa diferentes ícones, evidenciando o momento de transição da área, em que passado e presente convivem, até o futuro ser delineado.

Outro fator interessante de se ressaltar é que as capas dos livros têm um explícito potencial publicitário, por representarem um produto; e através de seu potencial comunicativo, estimulam ou não a compra do livro, meandros pelos quais se verifica a relevância da escolha sígnica da composição. Assim, a esperada semiose só ocorre se o conjunto de recursos sígnicos empregados em sua composição realmente é apreendido e aceito pelo receptor.

Na análise, consideramos um receptor que tenha algum conhecimento da área, para que possa fazer uma “leitura menos ingênua”, ou seja, que tenha alguns dos referenciais do campo de estudo, bem como uma ideia do contexto histórico-social contemporâneo, para poder fazer as possíveis associações sugeridas. Mas é evidente que

se tomássemos como referência outro perfil de receptor, teríamos outras tantas leituras possíveis, pois, além do contexto-histórico cultural, que até poderia ser o mesmo, o conhecimento de mundo de cada indivíduo e sua singularidade trazem consigo outros referentes. Tal constatação nos faz perceber que a análise semiótica não requer apenas elementos lógicos e racionais, mas também emotivos, ativos e reativos, resultados de habilidades cognitivas e sensoriais.

Para finalizar, podemos dizer que a proliferação de signos, bem como sua interconexão no contexto pós-moderno, a exemplo da hipermídia com a multiplicidade de fluxos e interações sógnicas, abre espaço para estudos que procurem entender tais diálogos, a fim de compreender como os signos agem nesse contexto movediço e polivalente em que nos encontramos.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.

BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L. E.; SILVA NETO, C. (Org). *Ciência da informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*. Fortaleza: Ed. UFC, 2007.

GUIMARÃES.L. *A cor como informação - a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Anna Blume, 2000.

LE COADIC, I.F. *A ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MUELLER, S. P. M. (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

NÖTH, W. *A Semiótica no Século XX*. São Paulo: Anna Blume, 1996.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1987.

ROMANINI A. V. *Semiótica minuta: especulações sobre a Gramática dos signos e da Comunicação a partir da obra de Charles Sanders Peirce*. (Tese) Doutorado em Comunicação, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

_____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

_____. *Matrizes da linguagem e pensamento- sonoro, visual e verbal*, São Paulo: Iluminuras, 2001.

TOUTAIN, L. M. *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: UFBA, 2007.

VALENT; BROSSO, R. N. *Elementos de semiótica: comunicação verbal e alfabeto visual*. São Paulo: Editora Panorama, 1999.

ZUNZUNEGUI, S. *Pensar la image*. 3.ed. Madrid: Catedra Universidad Del, 1995.